

Brasil

Um sopro de otimismo



Um otimismo, prudente mas bem caracterizado, começa a difundir-se pela economia. Empresários manifestam esperança de melhores negócios no próximo ano, com o Produto Interno Bruto crescendo 4% ou mais. Os consumidores mostram melhor disposição, embora o desemprego permaneça elevado, e vão às compras com maior entusiasmo do que no último Natal. O ânimo também mudou no mercado financeiro. O dólar esteve abaixo de R\$ 1,85, ontem à tarde. Há pouco tempo andou beirando os R\$ 2. Os C-bonds, papéis da dívida externa brasileira, voltaram ao nível de antes da crise russa, em agosto do ano passado.

A mudança no consumo, em parte estimulada pelo crédito mais fácil, vem sendo percebida pelos comerciantes nas últimas duas semanas. Para completar, há notícias de maior atividade na indústria, recém-divulgadas pelo IBGE.

A esperança de um ano melhor, portanto, tem base tanto na avaliação das possibilidades quanto na evolução recente dos negócios. Se governo e Congresso derem um pequeno empurrão em reformas de grande importância, como a Lei de Reforma Fiscal e a mudança do sistema tributário, o ambiente será ainda mais

propício ao crescimento.

Em outubro, a produção da indústria cresceu na maioria dos Estados, segundo o IBGE. A indústria paulista produziu 1,1% mais que em outubro de 1998. As fábricas de São Paulo tiveram pela primeira vez, depois de 14 meses, desempenho melhor que o de igual mês do ano anterior. Metalurgia, material de transporte e minerais não-metálicos destacaram-se na recuperação paulista.

De modo geral, exportações e extração de petróleo foram os fatores principais de crescimento, para o conjunto da indústria brasileira. No total, o setor produziu em outubro 2,5% mais que um ano antes, de acordo com o relatório. No ano, porém, o produto acumulado ainda foi 2,2% menor que o de janeiro a outubro do ano passado.

A recuperação deve ter continuado neste bimestre final e deve acentuar-se nos próximos meses, segundo avaliação do IBGE.

As condições de demanda, tudo indica, serão bem melhores em 2000 do que em 1999. O setor

público provavelmente continuará sem meios de aumentar os gastos, mas pode-se prever maior volume de exportações e, quase certamente, expansão do consumo e do investimento produtivo. O consumo será favorecido pela redução dos juros e, talvez, pelo aumento do emprego.

O investimento imobiliário vem reagindo há alguns meses. Além disso, industriais voltaram a anunciar projetos de ex-

pansão e de modernização. Reunidos em almoço organizado pela *Gazeta Mercantil*, dirigentes de importantes indústrias manifestaram otimismo quanto ao crescimento e indicaram a disposição de investir.

Mesmo o ano de 1999, como observou o presidente do Conselho de Administração da Sadia, Luiz Fernando Furlan, acabou sendo bem melhor do que se previa. O Produto Interno Bruto, segundo as primeiras indicações, deve ter-se mantido perto do nível do ano anterior, talvez com pequeno crescimento. Em janeiro e fevereiro, se estimava uma contração econômica de até 4%. A inflação, depois de um repique

no começo do ano, permaneceu controlada até outubro. O novo repique observado nos últimos dois meses parece estar sendo vencido. Em todo caso, o Banco Central dispõe de meios para conter qualquer pressão mais perigosa – e deverá usá-los, se isso for considerado necessário. Quanto mais cedo se confirme a superação do perigo, mais cedo se poderão concentrar esforços no crescimento.

Já há sinais de melhora e empresários prevêem firme expansão no ano 2000

É inútil, neste momento, ficar tentando adivinhar qual será a expansão econômica em 2000. Importante é conhecer os passos necessários para favorecer o cresci-

mento. Um papel importante cabe ao governo – distribuído a todos os seus setores. Avanço no conjunto de reformas, manejo responsável do dinheiro público e segurança jurídica são essenciais para permitir a redução de juros, estimular a atividade privada e atrair capitais de longo prazo. Essas condições, reunidas, podem ser o início de um círculo virtuoso de prosperidade.